

CORONAVÍRUS

Covid-19. Há mesmo risco de que isto nunca acabe? “Todas as pandemias têm um fim”, mas “o vírus não vai desaparecer” (e isso pode ser bom)



Tiago Miranda

Há um ano que a covid-19 chegou a Portugal e a incerteza ainda permanece bem instalada. A pandemia vai ter fim? O SARS-CoV-2 estará, para sempre, no meio de nós? Quando deixa de matar, o vírus torna-nos mais fortes? Podem as vacinas ser o mais importante salto no caminho de regresso para o velho normal? As novas variantes podem perpetuar o combate a um inimigo invisível? Estas e outras perguntas respondidas, ao Expresso, pelo virologista Pedro Simas e pelo imunologista Luís Delgado

3 MARÇO 2021 11:19



André Manuel Correia Jornalista

Um ano passou desde que o primeiro caso de covid-19 foi confirmado em Portugal. Desde então, 805.647 pessoas foram infetadas em território nacional, onde o vírus ceifou 16.389 vidas, ao longo de três vagas que deixaram a população entrincheirada durante dois confinamentos gerais, a resistir num tempo suspenso e num quotidiano quase anulado

entre quatro paredes a um cerco imposto por estados de emergência decretados em catadupa. Se o que sabemos é apavorante, aquilo que ainda desconhecemos deixa-nos igualmente em sobressalto.

Enquanto a saúde mental e a paciência definham, um medo generalizado alimenta-se da incerteza e torna-se mais robusto, o mesmo que a própria ministra da Saúde partilhou durante uma entrevista. “Tenho, como todos nós, o receio de que isto nunca acabe”, confessou Marta Temido. Irá a pandemia ter fim? As variantes podem perpetuar a ameaça? O que vai acontecer ao vírus? Continuará no meio de nós? Poderá a circulação do vírus vir a proteger-nos da covid-19? Chegará o dia em que as restrições atípicas do “novo normal” vão cair? E será a humanidade capaz de aprender a conviver pacificamente com o inimigo que infligiu o maior trauma coletivo desde a Segunda Guerra Mundial? As dúvidas são muitas e o Expresso foi ouvir especialistas para colher respostas.

PROBLEMA “PRATICAMENTE RESOLVIDO” APÓS PRIMEIRA FASE DE VACINAÇÃO

“Todas as pandemias têm um fim”, começa por dizer o virologista Pedro Simas. E esta, na opinião do investigador principal do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa, “tem dois momentos fundamentais e que estão relacionados com a eficácia das vacinas na proteção contra doença severa ou mortalidade”.

O especialista defende que, a partir do momento em que estiver vacinada toda a população dos grupos de risco, termina “o problema da pandemia”. Essa é a primeira etapa, pois “através disso conseguimos resolver aquilo que mais nos preocupa, que é proteger vidas humanas”, acredita Simas, confiante de que “a pandemia vai ser resolvida muito rapidamente, nos próximos três ou quatro meses, assim haja vacinas” para a primeira fase do plano nacional.

A meta, agora, passa então por “vacinar a 100% os grupos de risco”, para só “depois passar à segunda fase de resolução: travar a disseminação pandémica, que só termina quando se obtiver a imunidade de grupo”, completa o virologista. Contudo, Pedro Simas advoga que, “nessa fase, a imunidade de grupo já será um problema secundário”.

“Antes de termos as vacinas, havia a ideia de que a pandemia só iria terminar quando fosse atingida uma imunidade de grupo na ordem dos 60 ou 70%. Mas tudo muda quando temos vacinas com uma eficácia superior a 90%”, sustenta Pedro Simas, para quem “a imunidade de grupo é rapidamente atingida pela vacinação, desde que haja doses disponíveis”.

Mas mesmo “em países como Portugal, em que há uma grande escassez de vacinas, não há motivo para ficarmos ansiosos ou para pensarmos que nos vamos livrar da pandemia mais tarde do que os outros”, tranquiliza o virologista. “Isso não é problemático, porque quando tivermos os grupos de risco protegidos, a probabilidade de se morrer com covid-19 passa a ser muito pequena, mesmo que uma pessoa seja hospitalizada”. Porém, Pedro Simas deixa o aviso: “O vírus não vai desaparecer”, tal como aconteceu com os da mesma família. “Vai tornar-se um vírus endémico, à semelhança do que aconteceu com os outros coronavírus”, entende o especialista.

Um vírus endémico circula a níveis baixos e apenas raramente provoca doença grave. Uma doença endémica manifesta-se periodicamente em algumas regiões, por circunstâncias locais: é o caso da gripe, que gera ciclicamente surtos, do sarampo em alguns países, ou do dengue, em regiões tropicais.

“É BOM QUE O VÍRUS CIRCULE”

Sem querer passar uma “mensagem interpretada de forma errada e muito menos estar a desencorajar as pessoas para a vacinação”, o investigador acredita que, “em princípio, não é preciso vacinar toda a gente” para que o SARS-CoV-2 deixe de ser uma ameaça, mesmo que ele continue a circular. “É o vírus endémico que vai manter a proteção das pessoas e essa infeção até vai permitir uma imunidade mais completa”, elucida Simas. Porquê? O investigador do Instituto de Medicina Molecular desmistifica: “A imunidade vacinal é muito eficaz, mas é dirigida a um só antigénio viral, que é a proteína *spike*. A imunidade obtida por infeção é dirigida até 10 ou 15 proteínas virais, o que a torna muito mais completa”. Em suma, “é a circulação do vírus endémico que nos vai defender da covid-19”, prevê o virologista, antecipando um futuro em que “vamos ter constipações e infeções assintomáticas provocadas pelo SARS-CoV-2, mas vai ser isso que nos vai proteger”.

Para Pedro Simas, “não vamos ficar dependentes de uma vacinação anual”, uma vez que “os outros coronavírus respiratórios conhecidos infetam, em média, as pessoas de dois em dois anos ou de três em três”. Recorrendo à comparação com o vírus da gripe, o especialista frisa que essa vacinação também não “protege totalmente contra a infeção”, dando-nos sim “uma melhor imunidade para que não se tenha uma gripe tão forte”. Além disso, sublinha, a da covid-19 tem “a vantagem de não ter de ser atualizada duas vezes por ano”, uma vez que o SARS-Cov-2 “não tem a plasticidade do vírus da gripe”.

O virologista diz mesmo que “é bom que o vírus circule” e adverte que se deve muito cuidado na forma como se mexe com a natureza. “Não deve ser nosso objetivo eliminar vírus endémicos que estão em equilíbrio com o ser humano, como por exemplo o *influenza*”, conclui Pedro Simas.

OS CORONAVÍRUS “PERDEM APTIDÃO” A CADA MUTAÇÃO

O tempo de imunização conferido pelas diferentes vacinas já aprovadas é ainda incerto, mas para Pedro Simas isso “é irrelevante, porque a vacina para a covid-19 só precisa de nos proteger contra a próxima infeção”. Da mesma forma, para o virologista as variantes “não são uma preocupação”, como acontece no caso do vírus da gripe”. O motivo é simples: “não é previsível, com base no comportamento dos coronavírus, que sejam um grande problema quando o SARS-CoV-2 for endémico”, sobretudo porque “perdem aptidão de cada vez que mutam para não serem reconhecidos pelos anticorpos”.

Sabe-se que “os coronavírus evoluem, tipicamente, não para fugirem ao sistema imunológico, mas para terem ao longo dos anos uma maior avidez para o recetor celular”. Além disso, esclarece, “têm limitações biológicas para a sua plasticidade, à semelhança dos vírus do sarampo ou da poliomielite, que já praticamente não existem na Terra” e para os quais nunca foi preciso “atualizar as vacinas”.

O SARS-CoV-2 entrará numa fase de equilíbrio endémico quando “o número de infeções diárias se torna residual e passar a ser sazonal”, ou seja, “precisa das estações do ano para desequilibrar e infetar mais pessoas”, contextualiza Pedro Simas. Chegados a esse momento, poderemos finalmente respirar de alívio e “não precisaremos de continuar a usar máscara”, augura.

VÍRUS “NÃO TERÁ VANTAGEM NENHUMA EM SER AGRESSIVO” PARA A POPULAÇÃO

O imunologista Luís Delgado, também ouvido pelo Expresso, reconhece que “ainda existem neste momento muitas interrogações”. Por um lado, enumera o professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP), “há a informação de que os coronavírus nos têm acompanhado há bastante tempo e de que são agentes que estão envolvidos nas constipações, sendo que, na maior parte das vezes, não adquirem esta agressividade”.

Por isso, acrescenta, será de esperar que o SARS-CoV-2 conviva sem causar grandes estragos na população humana”, até porque, em termos filosóficos, “se o vírus destruir a humanidade toda também não sobrevive, pois precisa sempre de um hospedeiro”.

Por outras palavras, “não terá vantagem nenhuma em ser extremamente agressivo para a população, caso contrário não se consegue replicar”, explica Luís Delgado, convicto de que “deixará de ter a letalidade que tem até agora”. Além disso, prossegue o docente da FMUP, “o sistema imune, ao longo de toda a evolução, sempre conviveu com surtos de microrganismos que não reconhecia e que, depois, ao fim de um tempo, a população como um todo acaba por arranjar uma maneira de afinar uma resposta para anular a agressividade da infeção”.

Exemplos disso, expõe o imunologista, são o SARS-CoV-1 e o MERS-CoV que “também causaram, durante algum tempo, doenças pulmonares graves, mas depois mudaram para variantes não tão agressivas”.

Questionado sobre se o vírus será erradicado ou continuará ativo de forma endémica, Luís Delgado acredita que “vai depender da eficácia do plano de vacinação global”. E é aqui que residem as principais dúvidas do imunologista: “Sabemos que a vacina protege contra forma de doença severa, foi para isso que foram aprovadas, mas ainda não sabemos se podem parar a transmissão”.

Algo que também não convence o professor da Faculdade de Medicina da UP é a tão falada e ambicionada imunidade de grupo. “A história está muito mal contada desde o princípio. É um discurso político, para encher títulos de jornais”, aponta Delgado. Mas de onde provém a desconfiança? O professor explica: “Ninguém sabe ainda qual é a duração da proteção dada pelas vacinas nem qual o tempo de imunidade conferido pela infeção espontânea”.